

Economistas contrários à conversão

A conversão da dívida externa em investimentos no País só interessa às instituições financeiras estrangeiras, concluíram ontem os economistas que participaram do lançamento da edição de junho da "Carta de Conjuntura" editada pelo Conselho Regional de Economia. Os riscos de desnacionalização da economia, desagregação do padrão dos investimentos internos e de perda do domínio sobre a tecnologia, do aumento descontrolado da base monetária e a conseqüente pressão inflacionária, conduzem à interpretação de que essa é uma proposta "leonina".

O economista Antonio Barros de Castro, da Universidade Federal do Rio autor do artigo "Dívida externa: lições dos últimos meses", daquela publicação, acha que o Brasil desfruta hoje de posição privilegiada para renegociar a dívida externa. Entre os trunfos favoráveis ao entendimento estão a recomposição do superávit comercial e a moratória, que de acordo com a sua avaliação, foi bem-sucedida. Há um desejo latente, entre os credores, de que o País suspenda a moratória. Barros de Castro defende a suspensão da moratória apenas após a total recomposição das reservas.

Edmar Bacha, professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio e ex-presidente do IBGE, acredita que os credores podem se interessar por outras alternativas de conversão da dívida, como a garantia de participação nas vendas decorrentes de novos investimentos, como uma rodovia com pedágio ou hidrelétrica.

Bacha, em seu artigo na "Carta de Conjuntura", considera incorreta a interpretação de que a formação da reserva adicional de US\$ 3 bilhões pelo Citibank seja uma medida hostil aos países endividados. Na sua opinião, essa providência mostra que existe a consciência de uma realidade.